



O Gaiato

Ano V

1948/49



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano V - N.º 105
Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
6 de Março de 1948

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

A Porta

Aberta

Venda do Jornal

SÓ por ouvir falar, é que eu tinha conhecimento de uma organização de assistência particular a rapazes da classe e condição destes nossos, que começou em Londres no século passado e hoje se estende a todos os países da Comunidade Britânica, com o nome *Casas do Dr. Bernardo*. Tinha ouvido falar, sim, mas queria saber. Queria conhecer. Um dia, que estive na nossa aldeia um subdito de Sua Magestade Britânica e me falou da obra, logo lhe pedi que me procurasse na Inglaterra elementos de informação e os fizesse chegar às minhas mãos. Fui atendido. E' muito pouco o que me enviaram, sim. Um unico numero do *Magazine for Bernardo Helpers* de Março de 1946. Além de pouco é antigo, mas foi o que me puderam arranjar e com isso me contento.

Vem lá uma pequenina notícia a dizer que em Julho de 1945 fizera um século que nasceu o Doutor Bernardo a quem deram o título de *Pai das Crenças sem Ninguém*. Diz ainda o autor do pequenino e interessante artigo, que hoje, ninguém é capaz de realizar a opposição, a hostilidade e até a perseguição que ele teve de enfrentar nos primeiros dias de vida da sua obra, quando os seus feitos eram espreitados e os seus ditos escarnecidos. *Há oitenta anos*, continua o artigo, *as ruas das nossas grandes cidades eram extremadas de garotos sem casa nem amigos, aos quis ninguém dava um pensamento nem se importava com a sua alma*. Começa aqui a acção d'aquela homem, de quem eu muito gostava de ler a vida e por isso mesmo, aqui deixo o meu pedido a um leitor que casualmente tenha na sua estante um destes livros, o obsequio de mo emprestar. Eu cá prometo furta-lo às vistas e curiosidade da fauna que me rodeia. De resto, sendo em inglez e não trazendo *macacos*, certo é que lhe não mexem.

Eu já li alguma coisa sobre a vida e obra do Padre António d'Oliveira e muito embora ele o não diga nos seus escritos, nota-se quanto ele não teve de sofrer, para chegar aonde chegou! Do Doutor Bernardo, ouço falar em *hostilidades e perseguições*. Quanto não teria ele sofrido! E' um privilegio. *Per aspera ad astra*. Este conceito era dos antigos. De Era de Cristo para cá diz-se e é d'outro modo. A Cruz!

O Doutor Bernardo apresenta-se como um inimigo da Instituição: *Enemy of institutionalism*. E tendo começado sem opinião nem influencia nem dinheiro, no espaço de 40 anos, abrigou em portas abertas 60.000 crenças ás quais deu consoante a personalidade de cada uma. *Porta Aberta* é mesmo o nome da pequenina revista de onde tiro estas informações. *The Open Door*. Gosto do nome. *Porta aberta, faz crenças abertas*.

A Obra do Doutor Bernardo é completa. Forma para a vida e coloca na vida. As suas casas, espalhadas hoje pelos dominios, tem o nome de famílias. Contam-se por milhares as crenças dos dois sexos, achadas sem família, hoje defendidas e educadas em famílias. Dá gosto vêr na revista que tenho aqui sobre a mesa, os semblantes e as ocupações e os pomares e os jardins e os campos. E' a vida a trasbordar.

Aonde vão os responsáveis pela obra buscar o preciso para o seu sustento? Muito simples. Há uma Liga da presidencia de uma pessoa real, a Princesa Margarida. Outros nomes da Aristocracia ingleza, fazem parte. Ha caixas de esmolas espalhadas por toda a parte, nos estabelecimentos e Bancos e sobretudo nas escolas publicas e escolas particulares. No ano de 1946, as caixas renderam a passar muito de cem mil libras — dez mil contos, também a passar.

De uma vez, em viagem para Lisboa, um senhor inglez, que certamente conhece bem a obra do Doutor Bernardo, disse-me que havia de arranjar uma data de caixas e coloca-las, ele mesmo, em várias casas do Porto e de Gaia. Talvez outros trabalhos o tenham impedido, porquanto a promessa foi ha muito tempo e não me consta que haja caixas a pedir.

Seja como fôr, muito gostaria eu de ir pessoalmente á Inglaterra percorrer e demorar em algumas d'estas *Portas Abertas*. Se tivesse dinheiro á mão, não pedia licença a ninguém; eu sei o caminho. Gostaria de ir. Não que eu fôsse vêr coisas novas. Não ia. Desta nossa barafunda, que também é porta aberta, vê-se como lá é. As mesmas causas produzem necessariamente os mesmos feitos, em igualdade de circunstancias. Então quê? Queria ir buscar a confirmação.

A divisa das nossas Casas:

“Semper fidelis”

Iniciado este artigo no numero 45 do jornal, ficou prometida a sua conclusão para o numero seguinte. Estamos actualmente no N.º 104 e nunca mais se falou em tal assunto. Razões de vária ordem, nomeadamente a falta de tempo, nos têm impedido a satisfação da nossa promessa, e só hoje, quando menos se esperava, nos sentimos dispostos a concluir a empresa.

Verificamos, de bom grado, que a demora nos touxe, a nós, um conteúdo mais sólido de formação moral, e a experiência que adquirimos no campo pedagógico irá, com certeza, orientar aqueles que queiram, de boa vontade, continuar a ser peregrinos do Ideal cristão, o único que está conforme com a nossa sede de Infinito.

Dizíamos então, há cerca de dois anos, que o habitante, o filho das nossas Casas tinha que ter sempre presente a sua fidelidade à Obra para mais facilmente se integrar na sua verdadeira missão de aperfeiçoamento.

Esta fidelidade à Obra seria alcançada no cumprimento dos preceitos que formam a nossa divisa «Semper fidelis», divisa que abrange uma tripla actividade: fieis a Deus; fieis a nós próprios; fieis à Casa que habitamos.

Em Coimbra vende-se agora mais, tanto assim, que aumentou-se o número de exemplares em uma centena. E' devido ao Lar que ali temos. Não se pode afirmar que os senhores estão agora mais interessados na leitura do *famoso*. Não é por isso. E' que são mais *perseguidos*. Dantes, vinham os rapazes de Miranda do Corvo aos sábados, e tinham de regressar no domingo à tarde quer vendessem quer não. Agora não é assim. Agora estão eles em Coimbra. Moram na sua casa de Coimbra, de maneira que, enquanto houver jornais para vender, tem de haver gente para comprar os jornais. Eles não desarmam. Lisboa, vai-se ver. Chegamos ali ontem. Não temos pressa.

Eu já disse ao Padre Adriano que tirasse os vendedores das portas das igrejas e que os mandasse para as praças e eléctricos e cafés, como fazemos no Porto. Nós temos de conquistar. Os das igrejas já são nossos. Precisamos que sejam por nós, todos quantos se dizem contra nós. O Mestre, manda pregar o Evangelho a todas as creaturas. Quando chegarmos a esta perfeição, não havemos de despachar menos na capital do que no Porto.

Quanto a assinantes propriamente ditos, a bola de neve vai crescendo! *A sua leitura devia ser indulgenciada por Sua Santidade, pois são poucas as orações que tanto elevem o pensamento a Deus*: Isto vinha num postal! Um postal d'um assinante, que paga e desabafa! Não é a leitura; é o assunto de que trata o jornal. São as notícias que ele dá. E' pelas notícias que os leitores descem ao mundo da Crença e choram e amam e elevam o pensamento de Deus.

Já se deu recado na tipografia para um aumento de tiragem; os quinze mil não chegam. Vinha há dias uma carta a dizer que devia chegar a um milhão o número de assinantes!

São hiperboles amorosas. Mas os trinta mil sim. Esse numero aspiramos. Temos organização para ele. *Os administradores* vão crescendo em dias e em maneiras de forma que, uma vez chegados às trez dezenas de milhar, também se espera que eles tenham mais um nadinha de sizo, e não haja, então, os sarilhos d'hoje, quando chega a maré da expedição... Quanto a pagar, vamos indo. Tem muitos senhores que liquidam o ano com mil escudos. Muitos com metade. Muitíssimos a cem escudos. E por aí abaixo a maioria vai respondendo. E' muito mais agradável louvar do que dizer mal, por isso eu louvo, e louvo e louvo, até vir o dia em que todos mereçam os louvores.

A DEUS

A nossa Obra é essencialmente cristã, baseada no cumprimento, tanto quanto possível, dos mandamentos do Decálogo. Sabemos que é só em Deus que encontramos a conciliação entre a necessidade que sentimos de apoio e a nossa ansia desesperada de independência. Recolhendo o nosso pensamento em nós mesmos e fixando-nos na permanência de uma Ideia transcendente, podemos encontrar o lenitivo das nossas angústias na certeza inabalável de que somos membros activos do corpo místico de Cristo. Seremos fieis a Deus se não deixarmos degradar a nossa dignidade de semelhança divina. A nossa alma e a nossa carne são da mesma essência que a alma e a carne de Jesus feito homem. Avaliando e estimando esta imensa riqueza que temos em nós, seremos fieis a Deus na plenitude do nosso amor para com Ele.

Disse Mgr. D'Hulst: «Quantas almas soltarão, um dia, um grito de surpresa, ao descobrir o que tinham no seu interior, sem o saberem».

Não nos afastemos, pois, do caminho que Deus nos há traçado e saibamos descobrir e reco-

Uma carta

Perdone si no escribo en portugués, pero no puedo hacerlo por desconocimiento del idioma. Por otra parte, Vd. entenderá perfectamente lo poco que he de decirle, sólo por no enviarle el dinero sin explicación ninguna. Que también pudiera ir.

Leo muy a menudo su «Gaiato». Conozco, por tanto, su obra. Y me entusiasma. Pudiera dar estos escudos a cualquier obra semejante de mi país; pero el Catolicismo es Universal y tan pobres son los que aquí como los de allá. Aquí estoy y aquí doy mi limosna. Otros la darán allá, aun sin ser españoles, quizá.

Y continuaré leyendo su Gaiato, aun cuando, alguna vez he encontrado frases no muy agradables a oídos españoles.

Que Dios bendiga su obra y la difunda.

E' em espanhol, mas entende-se muito bem. E é mesmo necessário que todos o entendam, para se ouvir menos entre nós, o costumeado não pode ser que nós também cá temos as nossas obras.

De uma vez, em certa terra, até ameaçaram fazer queixa ao governador civil, por eu ir ali pedir para esta, quando lá, diziam, havia outras obras.

O autor da carta não faz escolha de pessoas nem de lugares. Dá prá frente. Outros darão na terra d'ele, aun sin ser españoles. Assim está certo. Este senhor é um verdadeiro católico. Nós temos de ser mais largos, olhar para a imensidade, reconhecer que tudo é de Deus. O que importa é dar bem, não aonde nem a quem. Dar, sim, e nunca dizer que se dá. Esquecer o que se dá. D'esta sorte, teremos sempre gravada no coração a obrigação de dar. E' tão desairoso quando a gente vai pedir, escutar do senhor a quem o faz todo o reportório das suas generosas dádivas: eu dou práqui, eu dou prácolá. Dou prácima e dou prábaixo. Para a esquerda e para a direita. O outro também disse que dava esmolas e jejuava e fazia e acontecia. Disse de si. Falou de si. Todo aquele que fala com Deus, de Deus, esse esquece-se de si.

Assim eu quizera que todos falassem, para terem menos que dizer de si mesmos, quando lhes fôr bater á porta.

nhecer o tesouro divino que Ele depositou em nós, no nosso interior. Só assim Lhe seremos fieis.

A NÓS PRÓPRIOS

Seremos fieis a nós próprios no aperfeiçoamento das nossas latentes qualidades profissionais, estabilizando-nos para, mais tarde, formarmos o lar particular, e no aperfeiçoamento, também, das qualidades nobres e espirituais da nossa alma, sendo, ao mesmo tempo, guardas vigilantes da nossa conduta e responsável por todos os actos praticados.

Não esquecer que depois de oito horas de trabalho oficial os conhecimentos teóricos podem aumentar consideravelmente com a frequência assídua nos cursos comerciais e industriais nocturnos. Se não quisermos alimentar aspirações elevadas, não devemos, no entanto, esquecer que podemos sair da rotina mediana da vida por meio de um esforço mais perseverante. Sirvam-nos de exemplo os casos de humildes rapazes que vieram a ser grandes homens com o seu trabalho aturado: Shakespeare, grande escritor inglês, foi aos 15 anos cortador; Abrahão Lincoln e Johnson foram na sua mocidade, respectivamente, rachador de lenha e alfaiate, e mais tarde vieram a ser Presidentes dos Estados Unidos; Thomaz Edison, grande inventor de numerosos aparelhos eléctricos e físico americano, foi na infância vendedor de jornais; o próprio Papa Gregório VII, um dos maiores pontífices de todos os tempos, era filho de um carpinteiro; etc., etc. Todos estes homens se tornaram célebres pela sua persistência, pela contínua chama acesa dos seus horizontes e chegaram aonde se não chega só pelos títulos heráldicos nem por fortunas que só trazem, por vezes, ociosidades. Nós, seremos fieis a nós próprios se trabalharmos assim como instrumentos da vontade de Deus.

Júlio Verne disse: que não há nada impossível; só há vontades mais ou menos enérgicas.

E Vacher de Laponge afirmou: «Quando nas camadas pobres se deparam indivíduos bem equilibrados, sóbrios, inteligentes e trabalhadores, é preciso que não tenham nenhuma sorte, ou que se encontrem num meio absolutamente desfavorável, para continuarem pobres toda a sua vida».

Aumentemos pois, a nossa capacidade de trabalho. Façamos um uso legítimo das nossas

Do que nós necessitamos

Hoje abre-se esta coluna com a seguinte missiva do Padre Adriano do Tojal, a qual missiva diz bem neste lugar. Ei-la.

H je escrevo a lembrar a maior necessidade desta casa—um Jeep.

O Mir fica ao largo, o comboio passa lá longe a 10 quilómetros, na Póvoa de Santa Iria, os aviões passam muito alto e o Trancão, com as marés, de seis em seis horas deixam-nos a engolir em seco.

Só p'r estrada é que podemos ser abastecidos. Mas como?

As camionetes rapam-nos as esmolas todas. E quando estiverem em plena actividade as obras que vão começar?

E' preciso ir a Lisboa pela mercearia, à Póvoa pela mobília; a Alhandra pelo cimento e tijolo, a Milvésira pela lenha para o nosso forno que este pão não se pode tragar. E' preciso remover entulhos, ir pela madeira e pela telha etc. etc.

Depois, andamos a plantar hortaliça e semear flores. Queremos com elas perfumar a cidade de Lisboa. Um Jeep!

Se ele foi carro de guerra agora vai tornar-se mensageiro de paz.

Eu perco o meu rico tempo à espera de camionetes e muito sorte se apanho lugar. Não quero um Morris mas um Jeep, que galgue por cima de toda a folha.

Ainda agora fui prestar socorro a uma terra vizinha. Uma mulherzinha trouxe-me um filho de vinte anos, doente, para eu o abençoar e curar.

Tive pena de não ter fé suficiente para dizer à pobre: «Vai em paz, a tua fé te salvou». Limitei-me a dizer aqui lá mãe que rezasse.—«Rezar!... eu não sei nada. Nunca ninguém nos ensinou.»

Estamos em terra de missão. Um Jeep, para cristianizar. S. Paulo, no meu lugar, andaria de avião.

Vamos, peça no Gaiato um Jeep. Os meus pedidos não valem nada, mas se este passar pela sua pena, tenho a certeza de ser atendido. Já tenho chofer. O Lisboa que aqui esteve, anda no ar para que eu volte a chamá-lo. Não calcula as toneladas de entulho que ele removeu com um carro de mão. Chamava-lhe o meu Jeep. O que não faria ele com um Jeep autêntico.

mãos e dos nossos pés. Demos aos nossos passos um caminho puro, lembrando-nos que os pés de Cristo foram pregados, com dois cravos a um rude madeiro, para nos resgatarmos; demos às nossas mãos um trabalho digno de santificação e preparemo-las (aqueles que a isso forem chamados) para que a estola do sacerdote caia dignamente sobre elas no momento soleníssimo do matrimónio. Não esqueçamos que as mãos de Cristo, pregadas também com dois cravos, estão continuamente abertas no rude madeiro para nos abraçarem num amplexo da mais sublime fraternidade.

À CASA

Zelando-a e amando-a «qual menina dos seus olhos», o habitante das nossas casas há-de compreender que não está instalado em qualquer pensão, mas a viver no aconchego da sua verdadeira e própria casa.

Saibamos ser-lhe fieis pelo amor à ordem, ao asseio, à conservação dos objectos e, sobretudo, pelo interesse posto ao serviço de Lhe aumentarmos o seu valor patrimonial.

Dentro dela, temos obrigação moral de desenvolver ao máximo a fraternidade cristã, colocando-nos mutuamente ao serviço uns dos outros.

Ativés dela, vamos tomando contacto lento com as realidades (por vezes ingratas!) da vida prática, e lutar contra as infidelidades dos nossos semelhantes, principalmente dos patrões, que exploram o suor do operário com o pretexto de que, por termos «casa e comida», não precisamos de salários condignos.

Fora de casa, a nossa conduta deve coadunar-se com a qualidade de habitante da Obra, não sendo motivo de escândalo o nosso procedimento pouco decente. Só assim poderemos provar o valor da auto-educação das nossas Casas e estimular o esforço dos que trabalharam na sua fundação. Só assim Lhe seremos fieis.

Nesta tríplice orientação seremos plenamente fieis a Deus, a nós próprios no corpo e no espírito, e às casas que habitamos. E poderemos trazer estampada no rosto aquela sublime expressão de Juvenil:—*Mens sana in corpore sano* (alma sã num corpo são).

H. F.

Um Jeep para remover o entulho de Lisboa, sendo... mais policia, mais cadeira, mais carros celulares e mais nada.

Sim senhor; não foi no dia marcado, mas foi no dia seguinte.

Esta indicação é para Maria. Conheço a letra. E' de alguém que me escreve, quando no jornal apparecem termos equivocados. E' o medo natural da confusão. Eu aprecio e acautelo-me. Tinha gisado um artigo sobre Gandhi; mas achei melhor calar-me, não fosse algum leitor lêr nele coisas que nunca estiveram no meu pensamento. Assim como a Maria, também eu tenho muito medo.

Mais de Ermezinde um par de sapatos. Mais de Oliveira de Azemeis um pacote de roupas, e cintos e botões e pasta para dentes e coisas do arco da velha. Mais de Leiria copos de folheta. Mais roupas de Atougua. Mais de Braga, da senhora do mel, 125\$ para colmeias.

Ainda não appareceu nenhum mortal de quem os nossos rapazes digam tão bem, como da senhora do mel. Eles enchem a bôca com a senhora do mel pela razão de que a enchem de mel, sempre que vão a Braga vender o jornal. Por isso todos morrem por ir! Mais 3 peças de cristal, ultimo presente de meu noivo que Nosso Senhor me levou. Foi o noivo para a sua morada e ficou a noiva no seu lugar, á espera. Ambos estão no seu lugar. Nunca tão seguros como quando colocados por Deus. Os caminhos d'Ele, não são os nossos, nem é a luz do sol que no-los mostra. Mais no Lar do Porto uns tantos metros de flanela. Também ali foram dar dois sacos de grão de Pavia e um dito de Elvas. Mais uma remessa de lampadas que eu fôra comprar á casa Philips e quando ia a puxar pela carteira, disseram-me que me não incomodasse. E eu não me incomodei. Vidraças e lampadas são o meu pavôr! Mais uma batina que serviu aos meus dois filhos, hoje formados em medicina e pode servir a alguns dos seus rapazes estudantes. Oxalá lá quem a usar dê a si tanta alegria quanta estes dois meus filhos me tem dado.

Tem dado, quer dizer que estão dando hoje medicos. Pois também eles hão-de receber dos seus filhos o mesmo que tem dado e estão dando á Mãe. A carta vem assinada. E' só uma palavra; só uma sílaba. Diz Mãe.

Mais da Murtosa uma pancada de lenços, dos quais alguns para o Sapo. Dentro do pacote traz uma lista de assinantes. Se todos vierem a dizer que sim, e juntando estes nomes aos que já tem dito, vai a Murtosa de camisola amarela, no que toca a terras da Provincia. Sim senhor, cada vez gosto mais do Sapo. Quero que seis lenços sejam para o Sapo, apesar de me ter fe to consumir quando andava na rua, diz a carta. Pois olhe, minha senhora, ô'e aqui é que se consome com o trabalho. Mais um fato para um que anda a estudar. Caihou mesmo bem. Quando há dias estive em Coimbra, o Carlos Inácio matou-me o bicho do ouvido por um fato. De casa até ao Liceu, só me falou da grande necessidade: olhe pra isto; até parece mal. E ia puxando as calças muito coçadas e o casaco muito coçado, de um fato que d'aqui levou. Pois já tem fato. Mais de Casal delo roupas e duas jarras. Mais do Porto, gravatas. Mais idem malhas como eu nunca vi. Mais idem um album para selos. Vou dá-lo ao Avelino. Ele é o mais interessado. Alguns recreios e todos os domingos, consagra ô'e á tarefa dos selos. Mais de Lisboa dois cintos. Mais da Regua roupas. Mais ditas do Porto. Mais ditas idem. Mais 10 alqueires de feijão de Penafiel. Mais um para que Deus me atenda nesta aflição, mando-lhe todo o dinheiro que neste momento possuo. E assina uma grande pecadora. Era de uma vez uma melher a quem iam atirar pedras, por ter sido surpreendida em delicto flagrante; mas antes de o fazer, levaram-na á presença de Jesus de Nazaré. Foi a salvação d'ela. Ninguem lho fez mal. A miséria sentida e confessada, teve sempre por si a Misericórdia.

—Ninguem te condenou, mulher?

—Ninguem!

—Tambem eu não. Vai e não queiras mais pecar.

Uma vez que diz, ser assinante do jornal, leia, mastigue e conforte-se. Já que me deu para a Obra tudo quanto tinha, tambem eu lhe dou agora tudo quanto tenho: a minha simpatia pelos pecadores que o não querem ser. Reze por mim. Mais da Juventude Operária Católica de Torres Novas, um vale de 200\$. Os espectadores lançaram moedas para o palco, quando ouviram dizer que o dinheiro seria remetido á Casa do Gaiato. Maito bem. Os Rapazes de Torres Novas levaram ao palco um quadro vivo, aonde entrava um Gaiato. A nossa gratidão. Mais mil e dez escudos, a contribuição voluntária dos Empregados da Vacuum referente ao mês de Janeiro. Quem sabe se alguns d'estes empregados o não tiram á bôca, para dar á Casa do Gaiato,—quem sabe?!

Lar dos ex-Pupilos dos Reformatórios Cantinho dos Rapazes

Relatório do movimento em 1947

No dia 31 de Janeiro de 1947, existiam 36 rapazes no Lar, assim chamados:

Manuel Marques Agostinho, S. Fiel, Séjeiro; José Pimenta Teles, S. Fiel, Alfaiate; Herlander Alberto Freitas, Caxias, Estudante; Francisco dos Santos Costa, S. Fiel, Carpinteiro; Olímpio da Conceição Guedes, S. Fiel, Alfaiate; Carlos Migueis; Refg. Coimbra, Empr. Banco; Joaquim Cezar Rodrigues, Refg. Coimbra, Tipógrafo; Mário de Almeida Santos, Refg. Coimbra Modelador; Luiz Ferraz, Refg. Coimbra Empr. Comércio; Bartolomeu da Cruz Cunha, S. Fiel, Carpinteiro; António Simões Cabeça, S. Fiel, Alfaiate; António Dias Gouveia, V. Fernando, Marceneiro; José Batista dos Santos, S. Fiel, Empr. Correios; António de Almeida Boto, Refg. Coimbra, Empr. Correios; Manuel Figueiredo Júlio, V. Conde, Alfaiate; José de Oliveira Benedito, S. Fiel, Alfaiate; Luciano Fernandes de Matos, Refg. Coimbra, Serralheiro; Eugénio dos Santos Leocádio, S. Fiel, Empr. Comercial; João Batista da Silva, Refg. Coimbra, Criado do Lar; José de Carvalho, Alfaiate; Alberto dos Reis, S. Fiel, Industrial, Espingardeiro; Abel Barros Santos, V. Fernando, Serralheiro; Armando Pinheiro, V. Conde, Escola enfermagem; Abílio Guerra, S. Fiel, Comércio; Benjamim Terezo, Refg. Coimbra, Electricista; Eduardo Carvalho Refg. Coimbra, Comércio; Francisco Machado Apóstolo, Refg. Coimbra,

Comércio; Eduardo da Silva, Refg. Coimbra, Comércio; António Fernando Lobo, S. Fiel, Comércio; Joaquim Dias de Oliveira, S. Fiel, Empr. escritório; Alfredo Oliveira Benedito, S. Fiel, Cerâmico; Cidálio Ferreira, S. Fiel, Criado de mesa; Carlos Monteiro, V. Fernando, Carpinteiro; Joaquim da Conceição, V. Conde, Sapaiteiro; Carlos de Brito Henriques, S. Fiel, Marceneiro; Américo da Silva Barroso, Refg. Coimbra, Tipógrafo

ACTIVIDADES ESCOLARES:

Carlos Migueis, frequenta o 5.º ano comercial; Eduardo Carvalho, frequenta o 3.º ano comercial; António Boto, frequenta o 3.º ano comercial; Luiz Ferraz, concluiu o curso industrial e agora anda no 2.º ano comercial; Benjamim Terezo e Alberto dos Reis, tiveram de desistir dos seus estudos, por incompatibilidade de horários. É pena.

Mário Almeida Santos, no fim do curso industrial; Joaquim Dias, Eduardo da Silva, Carlos Henriques, Francisco Apóstolo, António Lobo, todos estes estão matriculados no 1.º ano do comércio.

Na escola primária que funciona no Lar, fizeram exame os pupilos António da Conceição e Manuel Figueiredo e matricularam-se Cidálio Ferreira e Alfredo Batista.

SAIRAM DURANTE O ANO:

António Fernandes de Azevedo, empregou-se no Porto; Vasco da Silva Gomes, abandonou o Lar; António Maria da Rocha, retirou-se para o Sanatório de S. Fiel; Jezuino Maltez, para casa de seus pais; Virg. de Souza Tavares, abandonou o Lar; José de Oliveira Cosme, empregou-se e vive por si; Marcos Moreira Santos empregou-se e vive por si; José Simões Cabeça, casou-se; António Maria da Conceição, governa-se por si; João Augusto, despedido; José da Conceição Ferreira, governa-se por si.

Uma grande dificuldade para os rapazes do Lar, consiste na falta de casas económicas, aonde eles possam ir viver. Alguns deles tem a sua vida encarreada para o casamento e ordenados suficientes, mas falta-lhes casas.

Nota da quinzena

Estava eu ontem ocupado com as coisas e trabalhos inerentes à minha Cruz, quando me chega recado que um rapaz estava em baixo, à minha espera. A este sucederam-se outros e outros recados, de outra gente que me esperava, de forma que não atendi o primeiro e sómente ao meio dia, hora de comer, é que desci e dei de cara com o tal rapaz. Olhei e medi com os olhos. Era irmão de muitíssimos que nos aparecem. Irmão no traçar, irmão no aspecto, irmão na vida. Pai na cadeia, mãe não tem, dorme nos portais. É da cidade do Porto. Moro em S. João Novo. Perguntado se não trabalhava, disse-me que sim; que era encadernador, mas agora ninguém o quer. Como não tenho aonde dormir, ninguém me quer. Perguntado, ainda, de como viera cá têr, respondeu que um encadernador lhe dera seis mil e trezentos e ele comprou o bilhete do comboio e veio. Naquele mesmo dia, tinha eu destinado ir ao Porto. Eram horas de despachar o Gaiato, e foram também Avelino e Carlos, os azes deste trabalho. Embarcamos no Morris. O peregrino também tomou lugar. Uma hora depois estávamos na cidade. Notei o silêncio que reinou durante a viagem. Não é costume. Quando vão dois rapazes, há sempre muito que apontar, muito que dizer, muito que rir. São as camionetas, são as bicicletas, são os peões, são os carros eguaes ou semelhantes ao nosso; e são, sobretudo, as suplicas clamorosas feitas ao motorista, quando algum ultrapassa: *Ande. Força. O nosso é um Morris.* Sim. Isto é o usual. A isto ando eu afeito. Porém, naquela viagem, emudeceram os rapazes!

O carro parou na rua Formosa. Saíram os três viajantes. O estranho, sumiu-se no turbilhão, enquanto os de casa me informavam, muito tristes, que era preciso catar o sítio aonde o rapaz viera

E' para vós, os que vão na casa dos dezasseis e d'aí para cima, este cantinho d'hoje. Espera-se que todos os interessados o leiam e mastiguem. E' a respeito da vosso conducta dentro das nossas casas. Vou buscar para aqui a sentença de um dos Rapazes do Lar dos Pupilos dos Reformatórios, de Coimbra, o qual disse que a obra não tinha sido fundada por eles, sim, mas eles é que tem de a fazer. *Nós é que temos de a fazer.* Este rapaz, felizmente um subdito, hoje, do Lar, compreende. Ocupa o seu lugar. E' uma pedra viva do Lar. *Nós é que temos de a fazer.* E fazem sim senhor. Ora notai bem: P.º Adriano, está com a Casa do Tojal. P.º Manuel, tem a Casa da Miranda e agora, também, o Lar dos Gaiatos, na Cumeada. Qualquer destes dois pode prestar mui pouca assistência. Eu cá, raras vezes por ali apareço. Vós sabeis da minha vida. Pois bem. Governam-se eles. Tem um chefe. E' ele quem risca. Aqui há tempos, chegou pedido de um rapaz que já ali tinha estado, mas que houve de dar novamente entrada num Reformatório. Mandou-me uma carta, duas cartas e mais cartas. Passeia-as todas ao Maioral, para que ele decidisse. Decidiram. Recusaram-se a receber o antigo companheiro, de tantas que ele fêz enquanto ali morou! O Chefe, escreveu-lhe e disse-lhe que *as coisas só se apreciam, depois que se perdem.* Palavras dele. Palavras muito acertadas.

Muito mais casos vos poderia contar, mas este, por ser o último, creio que basta para demonstrar que na verdade, os rapazes do Lar é que fazem a obra. *Nós é que temos de a fazer.*

Ora esta palavra, é preciso que seja a vossa palavra. Uma palavra que saia da vossa alma. Eu não gosto nem devo repetir aos grandes as mesmas coisas, em matéria de disciplina. Os avisos dão-se uma vez e ficam dados. Não se vos pede nada que não possais dar; e pede-se com a máxima lealdade, por consequência, aquêlente dentre vós que se não encontrar nas disposições de cumprir, só tem um caminho à sua frente; ir-se embora, e deixar que os de boa vontade façam a obra. Nós não podemos salvar todos. Até nem podemos fazê-lo a nenhum, se ele não puzer a sua vontade à frente de tudo.

Evidentemente que nós não podemos esperar acerto. Vós não podeis acertar por agora. Isso é fruto da idade e da experiência, e nenhum de vós tem uma coisa nem outra. Não podeis por agora acertar, sim. Mas podeis fazer por acertar. E é precisamente agora, dos dezasseis aos vinte, que esse trabalho há-de ser o vosso trabalho.

Que nenhum de vós venha um dia a receber aquela sentença amarga dada pelo Maioral de Coimbra a um antigo companheiro: *o bem só se aprecia depois que se perde!* E fazei por nunca perder o bem que agora gozais.



sentado: *olhe-os ali!* O Carlos, por ter vindo encostado ao encadernador, acrescenta com ar piedoso: *ele vinha cheinho d'êles!* E acrescenta, baixinho, com medo que eu o culpasse: *a culpa não é d'êles.* Foi então que eu descobri a verdadeira causa d'aquela viagem funerária, quando, das mais vezes, eles abrem a bôca ao sair de casa e só a fecham no destino. Sim, descobri. E' que estes mesmos rapazes também já por lá andaram cheinhos d'êles!

O piolhento, não pôde ficar em Paço de Sousa. Continará possivelmente a dormir nos portais com a lógica consequência: *Ninguém me quer.* Evidentemente. Qual o patrão que vai tomar ao seu serviço um rapaz nestas condições? Dos portais, transitará, possivelmente, para as esquadras. Até que o código o leve, possivelmente ao banco dos réus.

Eu não quero que ninguém faça nada. Eu não quero que ninguém diga nada. Só peço aos leitores que tenham os mesmos sentimentos que tiveram para com êle, os dois viajantes que o acompanhavam: — Tristes. Silenciosos. Compasivos. Eles deram o exemplo de qual deve ser a atitude humana de nós todos, perante a creança que dorme nos portais.

E peço mais uma coisa. Não mandem cartas. Não façam pedidos. Deem lugar aos que veem pelo seu pé procurar o que é seu. Este que houve de ir embora, era de cá cem por cento. *Ninguém me quer.*

CRONICA DESPORTIVA

Fonte-Arcada-1 Gaiatos-1

A Equipa dos Gaiatos alinhou pela seguinte forma: Velha, Poeta e Rio-Tinto, Maximiano, Bernardino e Caniço, Periquito, Penafiel João, Daniel e Cête.

O jogo começou às 15 horas.

A bola é dos Gaiatos, João dá a bola a Cête, este avança com a bola, passa a Daniel, mas um defesa adversário, desarma, e alevia para meio do campo, a bola é apanhada pelo avançado Fonte Arcadense, este corre com a bola até à linha dos béques e remata sem resultado. A bola é chutada pelo Poeta e cai aos pés de Maximiano, este avança com a bola mas é desarmado pelo afe-cento adversário, este dribla Caniço, mas numa corrida ligeira Caniço consegue desarmar o adversário e passa para Periquito, este tem a bola nos pés e corre com ela até a grande-área do Fonte Arcada, que remata, mas o Quiper repelou a bola para fora. E' marcado um livre de canto. Cête marca. Marcou, o esférico, foi cair junto do béque adversário, este chuta para meio do campo. A bola está nos pés do ponta direita adversário, este corre com a bola até próximo da grande-área, remata, mas Velha atento faz uma excelente defesa.

Velha põe a bola em jogo, que cai aos pés de Bernardino, este corre com a bola e paça a Cête, mas como o esférico ia um bocado com força, Cête não teve tempo de o apanhar. E' feito o lançamento fora, a bola ia em direcção de João, mas o ponta direita, de cabeça, dá a bola para o médio centro adversário e este corre com a bola até a linha dos beques, e remata, fazendo assim o primeiro tento do Fonte-Arcada. A bola vai ao centro, João passa a bola para Periquito, este a Penafiel; Penafiel para Caniço, este é desarmado pelo béque esquerdo adversário que alevia com um chute para o centro. O árbitro dá por terminada a primeira parte estando o Fonte-Arcada a ganhar por 1 0.

A segunda parte a bola foi do Fonte-Arcada. O avançado centro adversário põe a bola em jogo passando para a ponta direita também adversário, este corre com a bola, mas é desarmado por Rio Tinto, que chuta para a frente, mas o ponta esquerda adversário deu de cabeça, e a bola foi para fora, Bernardino marca a bola, e dá-a a Caniço, este avança com a bola, remata, mas a bola bateu no poste da baliza. Depois houve algumas jogadas sem importância. A bola foi fora pelo lado do poste esquerdo.

Poeta com um pontapé fortíssimo atira a bola para o centro, esta é apanhada por João que dribla dois adversários, e passa para Caniço, este com uma viragem, fez com que a bola caísse na frente de Cête, este corre um bocado com o esférico, e com um remate fortíssimo fez com que a bola batêsse no peito do Quiper de Fonte-Arcada, este com a precipitação caiu, e Cête com a força que vinha também caiu por cima do Guarda rédes. Daniel aproveitando a ocasião, sem dificuldades marcou o goal dos Gaiatos. A bola foi ao centro. Depois disto houve algumas jogadas sem importância e o árbitro deu por terminado o encontro em que os Gaiatos empataram por uma bola a uma.

Isto é a Casa do Gaiato

UM dos quadros mais interessantes da nossa aldeia, é o cicerone aos domingos, de bradeira vermelha, a mostrar. Tenho para mim que os visitantes se deleitam muito mais com a explicação do que com o explicado.

E' assim: —O cicerone comparece imediatamente à chegada do carro, excepto em horas de foot-ball, estando este aferroado. Sendo assim, já não é tão pronta a sua presença. E' necessário chamar e chamar e chamar... a nossa ordem!

Pois bem; cicerone aparece e lá vai à frente do rancho. E' quasi sempre pela cozinha que ele começa. A cozinha é o seu encanto! Entra e diz: *isto é a cozinha*. Cuida o pequeno que os senhores não tem cozinha, assim como ele também não sabia o que isso era, antes de vir para cá, por isso explica. Depois do nome generico de cozinha, desce ao pormenor e indica panelas e tachos e testos, explicando ao mesmo tempo a função de cada peça: *aqui é aonde o cozinheiro faz a sopa*.

Dali entra nas mais dependências de todas as casas, explica peça por peça e qual o uso de cada uma. Sobee acima à varanda da casa mãe, estende os braços e informa que tudo aquilo é deles. *Isto é a nossa quinta*. Depois veem os estábulos e as capoeiras e os pocilgos; os nossos bois, as nossas galinhas, os nossos porcos. Eis a beleza: *Nossos*. O meu é uma palavra que limita, restringe, rouba alegria ao coração do nosso semelhante. Como havia de parecer mal aos visitantes se ouvissem um dos simpáticos rapazes dizer-lhes: *isto é meu*.

Eu cá só sei o que eles dizem, por aquilo que ao depois da visita me dizem os visitantes. Não ando na comitiva. Não sei o que se passa. Mas sei, sim, que a graça toda está neles e ninguém diz como eles. Assim, por exemplo, uma família contou-me que um cicerone muito pequenino, da classe dos Batatas, entrou na sacristia e disse: *acólá está Nosso Senhor Crucificado. Tenho muita pena dele. Se ele estivesse vivo eu havia de lhe arrancar os cravos!*

A gente escuta e pasma. E' realmente da boca dos pequeninos que saem os louvores a Deus.

CHEGAVA eu de Coimbra, quando o Sapo vem direito a mim, com uma galinha amarela debaixo do braço a gritar, de contente: *Agora já temos uma galinha choca. Ela fala de choca. Vou aninhá-la*. E aninhou. Aninhou-a na cozinha dentro de um caixote de pinho, com fitas de carpinteiro e foi-se embora. Daí a nada, a galinha pôs um ovo e também se foi embora! Esta é a terceira tentativa do Sapo, por uma galinha choca.

HOJE, domingo, foi dia de visitantes. Presidente, o rei dos cicerones, gosta de entregar muito dinheiro, mas como só dá o que lhe dão e desta feita deram pouco, ele apresenta-se à prestação de contas, com semblante carregado.

—Que tens tu?
—Não tenho nada. E' que os senhores d'hoje, em lugar de dar prá frente, deram mas foi para trás!

Mas em compensação, os mais cicerones receberam a valer. O Adriano, depois de entregar tudo, puxa por mais uma nota de 50\$00, e disse que um senhor lha dera por ele ter explicado tudo muito bem. O rapaz não cabia em si de contente. Uma nota! Uma nota de cinquenta escudos!! *Eu mostrei tudo muito bem*.

A NDA agora cá na aldeia a moda das moletas. As *andas*. Nas horas de recreio, mas sobretudo aos domingos, os rapazes empoleiraram se nos dois paus e fazem verdadeiras acrobacias, subindo degraus e saltando obstáculos. Hoje mesmo, surpreendi alguns que vinham de suas casas para a refeição da manhã, nas *andas*!

Ontem à noite depois da ceia, também assim caminharam para as suas moradias!!

O que mais demonstra o poder deles, é notar como num instante procuram paus e pregos e martelos e tábuas e encontram tudo quanto procuram e realizam os seus desejos! Andam nas *andas*. Fazem os seus recreios daquilo que mais gostam.

Estiveram dois do Lar do Porto, em gozo do seu fim de semana. Pois tam-

bém estes dois, com o serem hoje empregados na cidade, também eles, digo, subiram e passearam as nossas avenidas enganchados nos paus!

Quem pode acrescentar ou diminuir algo à natureza das coisas? Eles exprimem-se segundo a idade que teem.

VAI aqui o retrato do *Piriquito*, mas não é como eu queria. A culpa é minha. Eu não lhe recomendei que o tirasse de corpo inteiro e vai ele só tira



o busto! Ficou o melhor de fora. O que eu tanto desejava que os leitores vissem assim como eu vi, o fato, esse não aparece. Tenho pena.

Ele foi comigo ao Porto, naquele dia. Eu deixei-o no coração da cidade e prossegui viagem para outras terras. O rapaz pergunta-me qual é a melhor casa aonde se tiram retratos. Eu disse-lhe que não sabia. Ele foi aonde quis, pagou 20\$00 e eis aqui a prova. Vieram ontem uns visitantes e deram-lhe dinheiro. Ele vai aonde eu estava e informa que umas senhoras lhe tinham oferecido cem escudos a ele, mas que mos entregava. *Fazes bem entrar, disse eu. Agora entrego eu a ti*. Contas são contas. Ele ganha o seu jornal. Tem as suas economias, das quais compra o que precisa. O seu a seu dono.

ONTEM à noite chegou do Porto o Porto. O Zé Eduardo. Veio a horas de ceia, em serviço do famoso. Já há muito tempo que o Porto cá não vinha. Foi direito ao meu escritório e começa a catar livros. Quando eu entro, já ele tinha tres escolhidos e estava, até, a ler um deles. *Julio Verne*. Obras de Julio Verne. Não há nada que mais puxe pela imaginação. O Bernardino cozinheiro, apanhou uma dor de barriga e mete-se na cama. Comia bem e parecia bem mas não saía da cama. Um dia, dois dias, três dias e o primeiro cozinheiro, o Luiz, sozinho com todo o serviço da cozinha! Não podia ser. Foi-se a ver o que era. Eram as *vinie mil léguas submarinas*. O doente esqueceu-se da barriga e do trabalho ocupado com as vinte mil léguas... A imaginação arder! Pois o Porto lá se foi para o Porto com as *viagens ao centro da terra*. Sei que vai dar trabalho ao seu patrão enquanto durar a viagem... sim, mas éle que o ature. E' preciso que os outros também façam alguma coisinha. Não há-de ser um só a fazer tudo.

Porto, amante como é da leitura, não está, contudo, absolutamente desapegado das coisas do mundo. Não está. E a prova é que, encontrando-se ao pé dos livros um masso de pentes, éle não me largou enquanto lhe não dei um.

Era um lote que ofereceram ao *Rio Tinto*. Ele teve um.

O Alvaro é aquele rapaz adorável que veio pelo Natal muito cru, muito malcreado, sim—mas adorável. Os pais fugiram e deixaram dois na rua! Este é um deles. Pois Alvaro continua a não querer trabalhar. Faz tudo por não trabalhar. Ele é da turma dos da lenha; dos que apanham na mata lenha caída para o forno.

O Botas, que é da rouparia foi hoje dar com o Alvaro aninhado num monte de roupa suja. Havia duas horas que ali estava. Botas, toma o rapaz pela mão, e vai entregá-lo ao seu chefe. Chega a hora da merenda. Quando a senhora ia a dar a ração ao esquivo, levantam-se vinte e duas vezes, que tantos são os rapazes da turma do perdido: *Não senhor, Ele foge ao trabalho*. A senhora procurou desculpar o rapaz. *Que não; éle foge*. Procurou dar metade da ração. *Que não; éle não quer trabalhar*. E o Alvaro, o adorável pequeno, foi-se embora sem merendar.

Ninguém pode fazer mais nem melhor. Aonde imperar a senhora justiça aí a perfeição dos actos. A justiça é uma força imanente e permanente. A criança vem com ela ao mundo e por ela se educa. Se trabalhar é educar e se é verdade que o Alvaro foge ao trabalho, só a justiça o há-de conduzir. A justiça destes inocentes. A justiça que andava pelas sergetas das vielas... *Não senhor. Não merendas*. Os mestres!

-- Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa --

Chegou o primeiro Gaiato das ruas de Lisboa!... Atenção à História dele. Ele não sabe contar bem, mas é esta mais ou menos. Primeiro foi abandonado pelo pai, mas arranjou um padrasto. Depois foi abandonado pela mãe e arranjou uma madrasta, e como foi abandonado por todos uma madrinha tomou conta dele. Depois a madrinha fugiu-lhe para outro homem e uma hospeda que lá estava em casa ficou com ele o abandonou-o também. Um senhor da casa do Arдина encontrou-o uma noite a dormir numa porta e levou-o para lá e agora está aqui.

No dia 1 veio cá o Sr. Padre Américo dar a conhecer a Lisboa a nossa casa. Pregou na igreja de S. Domingos, não foi muito mau, porque arranjou 20 contos. Depois veio aqui almoçar e o Manuel Pedreiro pregou-lhe uma partida. Foi às laranjas e trouxe-lhe um prato delas muito lindas. O Pai Américo ia a comer mas eram das azedas. Foi por ser carnaval.

Isto é que é visitas! Entre elas veio um Sr. General com mais algumas pessoas importantes da Capital. Hoje eram duas camionetes e alguns automóveis. O Octávio dizia assim: *e com raças, todas as pessoas vêm de automóvel*. A Sr.ª D. Irene do Montepio já cá veio por duas vezes com o automóvel trazer embrulhos com roupas usadas que lá vão depositar. Hoje também nos trouxeram uma hola mas o pior é que ela é de pele de batata e arrenbenta logo. Temos cá um cãozito tão pequeno, que um visitante o meteu dentro do bolso. De cães e porcos estamos servidos. Faltam galinhas, coelhos, ovelhas e vacas leiteiras.

Desde que cá estamos o pedreiro não fez mais de que tapar os buracos

dos telhados. O Manuel Pedreiro que anda sempre ao pé dele, ficou com o nome o *Zé do telhado*. O carpinteiro também não faz outra coisa que pregar caixilhos e vidros. Já fui a Laures buscar mais que um conto e meio de vidros e ainda a procissão não vai a meio. Se algum leitor conhecer os donos das fábricas aonde eles se fazem que mandem para cá umas caixas deles. De Coimbra vieram duas camionetes carregadas de azulejos.

O Octávio porteiro é que vende os jornais aqui no Tojal. Tudo compra para verem as notícias de cá. Onde eu vou aos recados, junta-se tudo à minha volta a perguntar se eu é que faço as notícias. Há aqui um rapaz que quer a toda a força que eu ponha o nome dele no jornal. *E' já diz lá no Gaiato que eu dei duas telhas e dois pregos*. Este benfeitor chama-se António Francisco.

Pedro João.

Crónica da Nossa Aldeia

1 Os da administração do "atómico" andam sempre a ouvir coisinhas dos nossos assinantes, andam sempre a ralhar com nós.

Um das cartas vêm a dizer se nós comemos muito queijo quando nós nem o provamos, assim sucessivamente. Ora nós não temos culpa nenhuma quem tem culpa são os assinantes que quando querem pagar são um nome e se for preciso dão o nome do marido ou da esposa, e outros são um nome e dão outro e depois cá estão os da Administração que para dar com o nome estão um dia inteiro à procura do assinante e não dão com ele e depois os da Administração comem queijo e o que calha. Ora se nós quisermos estar de acordo com os nossos assinantes era fazer o seguinte: mandar o brevete que acompanha o jornal e assim está tudo bem por que assim estamos todos desentendidos outra vez. Não se esqueçam do meu pedido.

2 Quando o Pai Américo se dirigia para a Administração ao passar por uma das camaratas viu que na cama do Fernando

"Estesca" estava uma galinha cuca a pôr, no dia antes já um dos nossos rapazes tinha achado la um ovo da mesma galinha. As nossas galinhas e patas tudo anda a pôr ovos. O Sapo todos os dias vai ao pé da Senhora com um cesto deles e às vezes também lhe cabe um.

3 A' admiradora da nossa obra temos a informar da Administração que pode mandar assinantes de todo o mundo.

Mas a Senhora não se esqueça de mandar tudo bem legível, nomes como devem ser, morada, tudo! A Senhora pode arranjar uma lista de assinantes que seja grande e depois fecha a carta e manda para a

Casa do Gaiato — Paço de Sousa.

4 Agradecemos muito ao senhor que nos mandou um Album de selos portugueses. Agradecemos muito porque nenhum tinha feito uma oferta daquelas bem como as charneiras para colar os selos.

Muito obrigado.